

ILSE SCHERER-WARREN

Gostaria que a senhora falasse primeiro onde a senhora nasceu, a sua origem familiar...

Eu sou gaúcha. Meu pai era escultor, pequeno agricultor. Meu pai era uma liderança comunitária e era envolvido com política bastante, política partidária. Foi presidente de partido, foi até candidato à vereador. Ah, primeiro ele era do PL, do antigo. E depois foi do Partido Democrático Cristão. Eu acho que meu interesse um pouco veio por aí, desse contato com a política desde muito pequena. Sempre, na minha casa sempre visitavam muitos políticos. Uma família grande, uma família enorme, são 9 irmãos e então... Minha mãe dona de casa. Minha mãe nunca trabalhou fora e também era liderança, assim, comunitária,

E a sociologia pra senhora quando... dentro da universidade apareceu como...

Apesar de vir de uma família, assim, de pequenos agricultores, meu pai sempre tinha... assinatura de jornal. E eu gostava muito de ler e eu lia já partes do jornal, eu me interessava por artigos, eu lembro de Tristão de Athaíde, coisa assim, achava aquilo genial, sabe? Eu lia, achava todas aquelas coisas muito interessantes. Não tinha televisão, etc. O máximo que se tinha era um rádio. E eu comecei a me interessar pelas ciências humanas – mas nem sabia o que era sociologia – daí eu comecei a me interessar pela filosofia, então, porque era o que encontrava ali como palavra, digamos. Depois psicologia, psiquiatria... mais ou menos nesse terreno. Daí quando eu acho que eu tinha uns quinze anos de idade o meu irmão que estudava física em Porto Alegre – um pouquinho mais velho do que eu – me trouxe um livro de sociologia, um dos manuais de sociologia, comecei a ler e me encantei. Foi amor à primeira vista. Eu dizia: “é isso aqui que eu quero”. Cheguei a pensar em fazer jornalismo também. Gostava, às vezes pensava de fazer literatura, um pouco esse tipo de coisa. E o vestibular de jornalismo e ciências sociais era o mesmo. Daí eu acabei optando por começar ciências sociais, depois se eu quiser... jornalismo... via como duas coisas que eu poderia combinar. Isso foi em 65. É, foi logo depois do golpe, é. Foi, mas ainda era um período de mobilização política. Ainda era, porque fechou, de fato, até 68. Daí eu já estava terminando a universidade. Então, era um período aonde a gente... o movimento estudantil cresceu muito. Eu fiz muita militância...

A senhora participou?

Sim, sim. Fiz militância dentro do movimento estudantil. Início do período da ditadura, mas que a gente ia à rua ainda. Então, nunca fui presa, mas corri de polícia bastante. Estava no grupo que, que... em Porto Alegre a gente tomou o restaurante universitário. Porque justamente... uma questão lá do restaurante universitário que ia ficar na mão do interventor, etc. e a gente tomou o restaurante

universitário.

A senhora tinha vinculação com algum grupo político?

Não, não... eu tinha uma ligação direta com o Centro Acadêmico. Não, não cheguei a me juntar a nenhum grupo. A gente estudava. Naquela época a gente ainda – né? – podia estudar muito marxismo. Até me surpreendeu muito, porque apesar de nesse primeiro, digamos assim, nesse período da ditadura, apesar de toda a questão, o estudo do marxismo continuou rolando na universidade de forma bem intensiva. Se dava muito marxismo na sociologia da URGs. Teoria sociológica, a gente estuda o Weber, estuda o Durkheim, não sei o quê, mas estudou... o viés marxista também. Estuda direto o marxismo, assim bastante.

E como é que foi aparecendo pra senhora... aparecer pra senhora como um tema de maior interesse dos movimentos sociais... já de início, no final da graduação, ou a senhora passou por outros temas antes? Como é que foi aparecendo o tema movimentos sociais pra senhora?

É, foi interessante. Porque eu acho que vem pelo viés do marxismo mesmo. Apesar que o marxismo não trabalhava exatamente, nem o conceito de movimentos sociais não tinha. Não era... era a questão de classes. Por esse interesse do marxismo que eu gostei muito em Weber também toda a questão da teoria da estratificação em Weber. Então, toda essa parte de classe sociais, estratificação, mobilidade social, todo esse tema me mobilizou muito desde o início da década passada, tá? Foi um tema, assim, que eu logo senti uma grande afinidade. E quando eu fiz a graduação, nós tínhamos... foi introduzido lá um trabalho de conclusão de curso, que eu acho que foi... isso, sim, eu acho que foi uma grande novidade, eu acho lá. Eu acho que não... que a gente foi uma das primeiras turmas que teve um trabalho de conclusão de curso. Que eu inclusive acho, quando eu vejo agora – sei que agora os alunos têm, mas naquela época não tinha muito – eu acho que é algo que marcou muito a nossa graduação. Tanto que a turma, a minha turma de graduação – talvez tenha sido uma mera coincidência, mas eu acho que também a gente teve um bom estímulo com essa inovação que estava sendo introduzida – é uma turma que grande parte dos alunos ficaram na academia, Sônia Laranjeira, mas é em grande mesmo, enorme... E eu escolhi, justamente por que estava muito interessada nessa questão das classes sociais, mobilidade social. Bom, eu escolhi estudar a questão da mobilidade social entre intelectuais. *Risos* Diferentes áreas. Eu sei que peguei medicina, peguei direito, peguei profissões mais, mais... Era a mobilidade social entre recém-formados de diferentes profissões. E esse trabalho, eu acho que foi um trabalho, assim, que foi importante pra mim logo na área e pra me colocar dentro de um determinado... estudei muito pra fazer esse trabalho, tinha um orientador – João Guilherme – um professor que naquela época era um professor de muita reputação lá no Rio Grande do Sul. Eu sei que a gente dava teoria sociológica, a gente gostava

muito dele e ele me orientou e eu estudei muito pra fazer o trabalho. E eu achei que me deu um já pique pra continuar nessa direção. Mas aí quando eu concluí o curso, praticamente não havia muito mestrado, ainda, no Brasil. Em Porto Alegre, eu acho que na área de ciências sociais, o único que existia era de sociologia rural. Isso, daí eu fui fazer em sociologia rural e na sociologia rural eu já continuei um pouco dentro desse mesmo viés – né? – da questão do... e fiz um primeiro trabalho que eu fiz, o trabalho de... a dissertação – né? – foi sobre associativismo... No Rio Grande do Sul. Isso. Que foi... peguei tanto as questões dos patronais – né? – associativismo, sindicato patronal e dos trabalhadores. Então eu fiz esse trabalho e depois... daí me interessei, daí que eu tive um contato maior com a literatura de movimento, comecei a ter um contato com as literaturas sobre associativismo e com as literaturas sobre movimentos sociais. E a partir desse contato... que eu ficava um pouco nessa coisa sociologia do trabalho, sindicalismo – né? – nesse... dentro desse campo, digamos assim. Daí eu comecei a pensar em... ia terminar o mestrado e pensei que era uma coisa um pouco rara de fazer o doutorado direto – né? – que era uma coisa bastante rara naquela época. Mas eu sei que eu resolvi fazer tudo, já optei por ir pro exterior também – né?. Então, daí eu pensei já em fazer alguma coisa em... também fiquei um pouco dividida entre sociologia do trabalho propriamente dito e... na França, porque eu pensava e ir na França, porque eu já estava estudando francês há vários anos, etc., enfim, então já... era a língua que eu dominava mais – né? – e pensei em fazer sociologia do trabalho em Sorbonne. Mas, até fiz os primeiros contatos a partir do Brasil, eu fiz os contatos com Sorbonne pra fazer sociologia do trabalho lá, cheguei a encaminhar um projetinho, etc. E... conhecia um pouco de Touraine, mas pro Touraine – apesar de que aquela vez não era muito ainda estrela, digamos assim – mas de qualquer maneira já tinha lido algumas coisas de Touraine, mas me parecia alguma coisa distante. Foi meio de balcão, assim. Foi na sociologia das... aquela coisa assim sabe? Balcão mesmo, não através de um orientador, tentar me encaminhar, encaminhei meus documentos, trabalho, pensava que era uma forma mais fácil de eu... de acesso. Não conhecia ninguém também na sociologia do trabalho. E daí eu fui pra Inglaterra primeiro, pra estudar um pouco de inglês e até pra ver a possibilidade, que também não tinha decidido definitivamente que eu ia fazer o doutorado na França, apesar de eu dominar melhor o francês do que o inglês. Mas eu estava deixando uma possibilidade em aberto de fazer na Inglaterra também. Daí... foi daí que eu conheci meu marido. *Risos*. Então fui pra Inglaterra primeiro, fiz alguns contatos na London School of Economics – né? – mas não consegui fechar nada lá, estava sem meios, etc., e etc. daí fui pra França... e daí eu sei o que conheci um brasileiro lá que estava fazendo também doutorado lá, acho que até em filosofia e disse: “porque você não vai procurar o Touraine direto?” “Será?”, ele disse: “vai procurar” não sei o quê... eu pensei “ah, então eu vou procurar o Touraine”. Daí eu fui até a Escola de Autos Estudos onde – claro – não consegui logo, tive que marcar uma entrevista com ele dois meses depois eu acho, uma coisa assim, não consegui marcar de

imediatamente uma conversa com ele, a coisa era bem mais complicada e daí já me disseram que eu teria que ter um projeto, etc. e daí eu resolvi fazer um projeto mais voltado para os movimentos sociais – né? – estava meio desiludida com a burocracia lá de Sorbonne, eu disse “ah, em vez de eu ficar aí vendo esse negócio...”, que também estava um pouco perdida, não tinha orientador, não tinha nada. Eu resolvi... e através do... que era, aliás, o caminho mais comum era você ter um aceite de um orientador. Em Paris era um pouco mais, esse caminho mais comum, você tem um aceite de um orientador, daí o resto fluía rapidamente, que não era o meu caso com a sociologia do trabalho. Daí eu sei que eu fiz um projetinho tentando dar continuidade aos estudos, mas não pegando mais a parte de associativismo patronal – né? – mas fixando só sobre a questão do movimento camponês e sindicalismo rural, pra já pegar mais pros de baixo, é. Isso, isso. Já fiz a opção mais pelos de baixo, já fui fazendo meu recorte e meu caminho. Daí eu fiz esse projeto, enviei pra ele e... antes – eu acho – da entrevista, eu fui lá, levei debaixo do braço a minha tese de mestrado também. Ele me entrevistou e achou que tinha viabilidade, que era interessante e aí me aceitou como orientanda. Isso foi em 1973... Na medida que eu me organizei com o Touraine então tive a bolsa garantida da FAPERGS e foi por aí que viabilizou meu doutorado. E daí, daí, de fato, daí comecei a estudar com Touraine e daí se consolidou o meu interesse pelos movimentos sociais. De fato, por que era... naquele momento Touraine já começava a despontar como um grande nome – né? – um teórico da área dos movimentos sociais. Foi na época que estava escrevendo *A produção da sociedade* e ele, inclusive, trazia cada capítulo do livro que ele escrevia, ele distribuía para os alunos e a gente discutia.

Eu queria que a senhora falasse um pouquinho que leituras foram... das leituras tanto da época do mestrado quanto da época do doutorado, tanto na área de política como na área dos movimentos sociais mesmo. A senhora achou que foi muita diferença? Queria que a senhora falasse um pouco que autores mais marcaram, mais passaram ser referência pra senhora tanto no mestrado como no doutorado, que imagino que tenham sido autores bem diferentes. Estava na França...

É. O marxismo era muito forte nessa época. A gente era todo mundo, digamos assim, quem era de esquerda era marxista. Acho que isso tinha uma coisa assim. Com o Touraine que se fez um pouco um corte, por que Touraine – apesar de se você ver no pensamento dele dá pra entender muito de marxismo – mas ele tentou, digamos assim, ultrapassar um pouco aquele modelo marxista e propor uma coisa um pouco diferente. Mas então eu acho que o marxismo foi... mas já foi, já na graduação já começaram a surgir alguns autores que eram já releituras do marxismo: Escola de Frankfurt – né? – a gente estudava e começou a estudar a Escola de Frankfurt, que já abre, talvez, um pouco o debate do próprio marxismo, daquele marxismo mais duro – né? – mais clássico, ele abre então.

Marcuse, começaram, já não entendia muito o que era Marcuse na graduação, mas a gente... era legal estudar, entendia alguma coisa. Então tinham vários, digamos assim, pós-marxistas, talvez, alguns marxistas. Então a gente já começou a introduzir essa leitura. Claro que a gente convivia também, por isso que eu digo, eu acho que essa foi uma das razões que, talvez, dentro do ponto de vista político você pertencia a algum grupo. Eu acho que eu já comecei a me distinguir um pouco porque os grupos eram muitos mais... grupos mais ortodoxos. Todos os grupos de esquerda vinham de linhas marxistas muito mais ortodoxas. Então, eu acho que foi parte de uma intelectualidade que já começou – apesar de incorporar toda essa tradição do marxismo – mas começou a incorporar também releituras do marxismo e que havia alguma novidade dentro dessa leitura. Que é o próprio Sartre. Marcuse, Escola de Frankfurt em geral, etc. Então eu acho que essa foi uma leitura que eu já fiz desde a graduação. Depois quando eu fui pra França, já no, no... É, no mestrado, no mestrado... daí é interessante, por que o mestrado em sociologia rural do Rio Grande do Sul era um mestrado que vinha de uma tradição mais americana. E então a gente tinha que andar, pra continuar dentro da linha que a gente já vinha – e vários dos alunos que estavam fazendo mestrado ali de sociologia vinham da própria URGs, mas da sociologia, que já possibilitava uma abertura maior – quer dizer, então a gente andava um pouco com as próprias pernas. Então a gente andava um pouco com as próprias pernas, tentando fazer, nesse sentido que eu entrei nessa que eu entrei nessa coisa – né? – nessa leitura do associativismo, tentando fazer uma leitura aí, mas aproveitei muito do que eu tinha da sociologia da própria graduação, então quando eu fui ver a questão do associativismo peguei, então, Weber, com Marx, acho que eu fiz uma coisa meio eclética. *Risos*. Juntando, digamos assim, eventos clássicos, trazendo a contribuição dos clássicos, mas de uma forma um pouco eclética pra estudar essa questão do associativismo. E quando eu fui pra França, daí... daí, claro, a minha influência maior foi o próprio Touraine, que naquele momento era meu orientador, estava fazendo uma produção específica sobre a questão da teoria dos movimentos sociais. Paralelamente, eu também fiz algumas disciplinas no IDES, Instituto de Desenvolvimento Econômico e Social... por que o meu doutorado foi defendido em Nanterre. Então eu fiz essa especialização em sociologia do desenvolvimento e lá a gente tinha vários professores também de uma tradição bastante marxista. Então cultivava, digamos assim. E naquele momento também estava muito em alta, apesar de ser alguém que competia com o Touraine, era o Althusser. Isso era uma coisa que eu admiro bastante do Touraine, era uma pessoa absolutamente aberta pras contribuições, apesar dele construir a sua teoria, ele era uma pessoa muito aberta e, digamos assim, eu poderia nos meus estudos, se eu quisesse utilizar Althusser ele jamais se oporia assim “não!”. Sabe? Então a gente estudou também... tinha Bourdieu que era outro que também competia com ele, mas eu não tive muita influência não. Talvez por que o Bourdieu mais tarde que, talvez, eu fui me interessar mais por Bourdieu um pouco. Talvez por que o Bourdieu, naquele momento, era mais um autor que

expressava, talvez, o estudo da reprodução da sociedade, em cima da questão da educação, etc. Fugia um pouco do meu interesse, que era mais pra ver a transformação social mesmo. Então o marxismo me dava essa base inicialmente. E depois movimentos sociais. Então, inicialmente foi bastante... quem também dava o curso e eu, e eu... nesse momento também era muito jovem o professor, assistente de Touraine, eu também fiz disciplina com ele é Manoel Castells. E, então, eu acho que foi essa influência da sociologia francesa muito. Da sociologia francesa, exatamente... só depois do meu doutorado que eu comecei a pegar na questão das teorias dos novos movimentos sociais alguns autores também como alemães, algumas outras coisas, outros até ingleses até.

E aí a senhora volta pro Brasil... voltou pro Brasil no final do doutorado logo. Objetivava fazer carreira acadêmica? Dar aula? Voltou pra isso? Qual era o seu projeto na época?

Meu interesse era o Brasil, o campo de estudo era o Brasil. Eu via com uma certa dificuldade. Então, já existia naquele momento novos atores como os feministas, o movimento ecológico estava começando a desandar, mas principalmente o feminismo. Me parecia que do ponto de vista da minha abordagem – né? – de uma abordagem muito mais a partir de uma sociologia francesa, como meu campo de interesse, digamos assim, nos movimentos sociais, fazia com que eu me sentisse muito comprometida com uma sociologia... de fazer sociologia no Brasil. Então esse foi meu interesse, foi de retornar ao Brasil e trabalhar no Brasil. E daí eu fiz contatos antes de vir, mesmo terminando – eu estava terminando o doutorado – eu fiz contato com o IFCS. Fiz contato também com o IBASE daquela vez, mas daí não cheguei a ir no IBASE. Mas daí eu cheguei, eu fui contratada inicialmente como orista no IFCS. Depois eu passei... primeiro horista, depois eu fui professora assistente, depois terminei lá... fiquei sete anos no IFCS, fui finalmente professora adjunta. Fui do grupo que organizou a pós-graduação lá e eu fui a primeira coordenadora de pós-graduação. Daí quando eu encerrei justamente esse meu período de coordenação que eu vim pra Florianópolis. Mas então eu fiz primeiro esse contato, foi um pouco complicado no início – né? – que eu comecei como horista lá. Daí eu fui procurar outras alternativas também, por que não ganhava muito bem, era muito difícil. Eu estive na Cândido Mendes, aí inicialmente se é no IUPERJ eu poderia, talvez, num segundo momento, mas era pra começar na graduação. Eu meio que me assustei na Cândido Mendes, eu tinha que dar não sei quantas mil aulas e fiquei meio assim e fiquei um pouco em dúvida em pegar... por que como eu fiz toda a formação corrida eu não tinha experiência de dar aula. Eu disse “não, vou ficar com o IFCS”, daí depois eu fui pra PUC do Rio, eu também dei aula um período lá e depois alguém me ofereceu pra dar aula na Rural do Rio de Janeiro, a Rural que fica lá... Seropédica... mas como era uma vez por semana só que eu precisava ir, eu dei um período, mas era muito sacrificado mesmo pra ir até lá. Mas quando eu cheguei no IFCS. O que que aconteceu? Eu cheguei... comecei a dar aula em 1974. Que que tinha acontecido

no IFCS? Limpeza. Uns 40 intelectuais que foram... Darcy Ribeiro era um e vários outros. Uma limpeza incrível. Por que eu fui no início de 68 pro exterior, foram os anos mais duros, de 68 a 74 foram os anos mais duros da ditadura. Então eu não cheguei a viver esse período pior da ditadura no Brasil. Claro que a gente sabia, etc. E quando eu cheguei, eu acho que ainda além disso eu cheguei num local onde a limpeza tinha sido feita de forma muito drástica. Justamente no IFCS. Então, eu sei que eu me assustei um pouco. Eu me assustei, não só me assustei por que eu não conhecia também o Rio de Janeiro. Vinha de Porto Alegre, etc. e cheguei no Rio de Janeiro. E eu senti muito a questão da repressão no Rio de Janeiro. As pessoas naquela época falavam em política, falavam baixinho pra que ninguém ouvisse o que estavam falando. E eu vinha vindo da França, da Inglaterra. Os dois países que eu tive mais contato. E toda essa falta de liberdade de expressão foi uma coisa assim... não só a mim, como meu esposo também, que vinha duma outra realidade, ele não conseguia entender isso. Foi uma coisa que eu acho que foi uma das razões, depois até que foi nos levando a pensar em outras alternativas de sair do Rio, além da questão da violência que a gente já falou. Mas eu senti muito. Porque eu vinha com uma bagagem ainda muito forte da questão do marxismo e, por outro lado, mesmo de Touraine, mas que trabalhava com movimentos sociais – né? – aonde a questão, digamos, a temática das classes sociais era uma coisa, uma coisa forte. E eu sentia na própria sala de aula conforme as... conforme o encaminhamento que eu dava na aula, eu sentia o clima nos alunos, mas é que eu estava falando de temas tabu. Que eu estava tocando. Então, eu tinha que tá me vigiando pra não entrar demais em alguns temas tabu e criar uma situação de desconforto. E sofri, inclusive, também, uma coisa interessante... porque depois ia ter um concurso pra... questão da competição e eu me senti... fui ameaçada, inclusive. Que, que... por determinadas pessoas. Que como eu tinha um determinado currículo que, talvez, dentro desse concurso, se eu fizesse esse concurso, talvez eu fosse... É. E como eu tinha um currículo comprometedor e como nas salas de aula dava... que era melhor eu não fazer esse concurso que... Dentro da própria Universidade eu tive esse tipo de pressão. Acabei desistindo de fazer aquele.. tive medo. Sinceramente tive medo e... porque eu precisava do emprego e daquele salário e não sei o quê, estava me estabelecendo no Rio de Janeiro, etc. Eu disse “não, faço concurso no próximo que surgir”, mas fazer esse e ser submetida, talvez.. . tinha acontecido toda aquela questão daquela... das cassações. Então eu não queria brincar. Então eu fiquei temerosa “não, não vou fazer esses, tem outras pessoas que devem fazer e entrar primeiro. Eu espero meu momento pra fazer o concurso”. Depois logo saiu, em seguida depois saiu outro e eu fiz e não teve problema. Mas eu tive esse tipo de pressão. Então eu faço... um tempo eu não escapei da questão dos movimentos sociais, deixei isso... estava dando muitas aulas também porque estava pensando em sobrevivência um pouco. Quando eu vim, depois que eu fiquei 7 anos no Rio de Janeiro, quando eu vim pra Florianópolis comecei a retomar novamente os estudos sobre movimentos sociais. Comecei... ingresse num grupo

sobre barragens. Um grupo de estudo sobre barragens que agora, por sinal, no último texto que eu fiz agora eu retomei esse tema de novo. A gente vai um pouco em círculos. *Risos*

A senhora vem pra Federal de Santa Catarina em 81.

É aqui foi a passagem direta pra questão dos movimentos sociais, mas aqui, daí eu... eu encontrei esse... comecei a trabalhar diretamente num grupo interdisciplinar que era um pessoal lá da antropologia de fato. E então, era um grupo que tinha um projeto pra estudar a questão dos impactos de barragem, principalmente a questão dos atingidos por barragens. E então, eu entrei já pra estudar a questão do movimento dos atingidos por barragens dentro desse grupo junto com duas das professoras, alguns estudavam mais a questão dos impactos, a gente estudou também um pouco a questão dos impactos, mas já incluída a questão do movimento dos atingidos pelas barragens. E nesse momento também que eu cheguei em Florianópolis já tinha um grupo que estava despontando na questão dos movimentos ecológicos também, o Eduardo Viola. E eu comecei a trabalhar com ele também nessa linha da questão da ecologia. E a questão do movimento feminista também, que eu já tive algum contato no Rio de Janeiro e já tive interesse nessa questão também do movimento feminista. Mas eu não cheguei a me incorporar. De fato, eu orientei muitas teses sobre a questão do movimento feminista. E também, posteriormente, eu me envolvi bastante aqui também com os movimentos de pastorais. É, também. No início foi difícil até. Porque a questão das pastorais a gente tinha alunas que tinham interesse em se construir tese nesse sentido, mas havia uma rejeição um pouco das pastorais em relação à academia aqui. Mas depois começou a haver uma abertura maior e eles começaram a me chamar. Eles também começaram a me chamar pra fazer assessoria nos trabalhos deles e eu comecei a ter envolvimento maior com esse trabalho, que também foi um ótimo aprendizado. E com Ongs também, com Ongs, como o CECA de São Leopoldo, não sei se você conhece. É, o CECA de São Leopoldo tem uma tradição enorme, uma das grandes Ongs, digamos assim, no Sul. Seria o correspondente, um pouco assim, à FASE do Rio, talvez, uma coisa assim. E seria uma filial, digamos, do CECA de São Leopoldo aqui em Florianópolis. É Centro de Estudos... Centro de Evangelização... Mas o nosso grupo era, de fato, um grupo, com algumas exceções, um grupo bem mais leigo, digamos assim. O pessoal mais da universidade, etc. que não... apesar de fazer alguma coisa dentro da linha de comunidade pastoral, mas não vinha dessa tradição. E por conta dessa própria questão de financiamento, etc., a gente começou a buscar uma autonomia do CECA, daquele em relação à São Leopoldo. E acabou criando um outro CECA, que era não um CECA mais com um “C”, mas um CECA com dois “Cs”, que era Centro de Estudos Cultura e Cidadania. Tinha muita gente da universidade participando dessa Ong. E a gente fez algumas coisas importantes, como por exemplo a questão do orçamento participativo aqui, fomos nós que fizemos praticamente todo o trabalho de mobilização e organização.

No caso, quer dizer, a senhora quando veio pra Santa Catarina, a senhora começa efetivamente a pesquisar movimentos sociais e participar de movimentos sociais:

Exatamente, as duas coisas. Foi acontecendo. Foi o momento. Foi o momento da abertura política. Naquele momento, em 81, o momento da... começou, era um momento de crescimento dos movimentos sociais. Porque a forma que eu vim... os dois primeiros anos que eu vim aqui pra universidade, eu vim à disposição da UFRJ. Então, surgiu a oportunidade pra professor titular.

Bom, a idéia do novo em relação aos movimentos sociais, como que aparece pra senhora? Como é que aparece o conceito novos movimentos sociais?

Eu acho que um pouco começa, talvez... mas apesar que eu não uso a terminologia “novo” ainda. Porque quando eu estava estudando com Touraine, apesar que a gente já estava colocando alguma coisa aí, mas não usava. Porque essa terminologia “novos movimentos sociais” por um lado, e outra “teoria de mobilização de recursos”, essas duas... essa categorização, digamos. Ela, ela surge um pouco... já posteriormente ao meu doutorado. Ela surge depois. Então, apesar de já alguns, talvez, trabalhos estarem levando – né? – produzindo os primeiros referenciais nessa direção, as terminologias não eram utilizadas ainda, tá? Então eu acho que com esse momento de... que talvez, era um momento que começa a surgir no Rio de Janeiro, mas que eu deixei um pouco de lado os movimentos sociais por causa da questão da ditadura e da repressão que eu senti naquele momento. Foi justamente em Florianópolis que eu começo a encontrar de novo esse... retomar a literatura e começo a entrar na questão dos movimentos sociais. Bom, esse primeiro trabalho que eu falei eu já pego Guatarri, pego Castoriadis, etc., já estão colocando, digamos, com certeza um novo olhar sobre a questão dos movimentos sociais. A própria questão do sujeito de uma forma diferente do que o sujeito, digamos assim, que é um sujeito de classe que tem outras dimensões. Então entra a questão. Então eu acho que isso vem tanto do ponto de vista das teorias quanto da própria ação dos movimentos. Eu acho que pensar os movimentos sociais não é só o novo olhar da teoria, é a existência de atores novos também. A questão das mulheres, a questão da ecologia... Principalmente esses num primeiro momento, eu acho que a questão das mulheres e a questão da ecologia eu coloco como duas novidades. Então me parece que tem esses atores, e, talvez, aqui em Florianópolis eu vim encontrar... vim participar dos movimentos e estar mais em contato com esses atores até. Me lembro até quando a gente chegou, coisas interessantes estavam surgindo. Por exemplo, o movimento de mulheres agricultoras. Movimento de camponeses existia, mas movimento de mulheres agricultoras era uma nova forma. E eu me lembro de um dos primeiros... mesas que eu coordenei dentro aqui da universidade, a gente chamou e justamente veio o pessoal do movimento de mulheres agricultoras. Então eu acho que o estímulo da própria prática que estava

emergindo no Brasil com novos atores, o movimento feminista que existia aqui também, era um movimento forte. Então o estímulo da própria prática em relação a esses atores e daí eu acho que foi... talvez essa, essa... difícil a gente saber – né? – porque que a gente estava uma tomando certa direção, mas acho que essa própria influência, num certo sentido, da sociologia francesa dos movimentos sociais, que abria já um leque nessa direção de temáticas, um leque de preocupações, de teorias nessa direção. E eu acho que nesse sentido que... continuei misturando, daí não só mais, digamos assim, aqueles autores que eu tinha.. autores que eu tinha utilizado no próprio mestrado, mas abrindo um pouco o leque, muito dentro da sociologia francesa, quer dizer, você pega Guattari, Castoriadis, depois Mellucci. O próprio Mellucci é italiano, mas foi também... estava ali com Touraine, também a mesma vertente. Castells também, depois. Então, eu acho que foi por aí que eu fui construindo, digamos, a minha reflexão sobre essa questão. Porque depois desse trabalho que eu fiz sobre movimento... foi um pouco... eu tentei recuperar várias literaturas pra ver a questão do como se poderia pensar. Mas se você... se você... você vai achar engraçado, porque eu peguei categorias marxistas pra fazer contraposição pra... pra esses... pra pensar esses autores. Então. Mas depois disso, logo em seguida, eu fiz um trabalho que foi a primeira coisa que eu fui apresentar na Anpocs, que foi *O Caráter dos Novos Movimentos Sociais*, que eu acho que tá aí, não?

É, tá aqui. Já em 84, a senhora já falava de “novos”.

Daí foi o primeiro que eu escrevi com o nome dos “novos movimentos sociais”. E até é interessante, porque eu estava escrevendo esse trabalho aqui e o Viola foi para os Estados Unidos e passou o ano nos Estados Unidos. E a gente não conversou durante esse ano. Praticamente não conversou. Ele eu acho que me passou um e-mail, não sei o que. Mas aí quando ele voltou, disse “ah, acabo de fazer um trabalho sobre os novos movimentos sociais”, eu disse “eu também”. *Risos*. A gente tinha feito um trabalho – claro, com enfoques diferentes – mas em cima do mesmo tema. E quando eu apresentei esse trabalho na Anpocs, de fato foi uma grande novidade na Anpocs, tá? Na Anpocs não se estava discutindo isso. Eu acho que eu fui a primeira pessoa a trazer esse debate para dentro da Anpocs. Eu sei que o meu trabalho desempenhou um grande impacto. Era a primeira vez que fui pra Anpocs, eu sei que teve um grande impacto. Tanto que eu fui incluída logo no grupo. Depois, logo em seguida, já fui coordenadora do grupo da Anpocs, etc., acho que um pouco tendo em vista essa questão dessa novidade que eu estava trazendo. Então esse foi... daí depois, sim, daí eu fui fazendo. Daí Paulo Krischke veio pra Florianópolis, foi contratado aqui. Então, o Viola também estava e então logo que o Paulo Krischke chegou, então, daí foi que o Viola tinha voltado com essa coisa dos novos movimentos sociais, o Paulo Krischke estava interessado e a gente fez aquele livro *Uma Revolução no Cotidiano*. Que eu fiz junto, organizei junto com o Paulo Krischke. Ele foi um livro que teve bastante repercussão, até internacional. Que era uma coisa bem novidade

ainda dentro do Brasil. Me juntei junto com o Paulo Krischke, depois a gente publicou um livro junto, nós três, mas esse primeiro foi... tem um artigo do Viola, até foi esse artigo que ele fez nos Estados Unidos. Porque são coisas que estão acontecendo naquele momento. Por que eu fiz aqui ele fez lá, a gente não tinha conversado um com o outro nem nada, mas é que daquele momento essa questão dos novos movimentos sociais estava sendo colocado como uma reflexão, digamos assim, teórica – né? – com uma nova forma de reflexão teórica e, claro, nos Estados Unidos ele teve outro tipo de leitura, outro tipo de influência, outro tipo de abordagem do mesmo tema.

A senhora diria, por exemplo, que usando tanto o conceito de movimentos sociais quanto de novos movimentos sociais a senhora encontrou resistências? Porque era... porque... quer dizer, na tradição de esquerda, na tradição marxista, não se usava muito isso. Quer dizer, eram atores novos. Como foi um pouco a recepção, o entendimento desses dois conceitos – movimentos sociais e novos movimentos sociais – na própria academia mesmo, com toda tradição de esquerda e com essa efervescência política na época...?

È, é. Eu acho interessante... eu acho que a distância maior que... eu não sei se isso tá correto, mas eu vou dizer, tá? Mas eu vou... não sei se é uma coisa um pouco impressionista, mas em todo caso eu vou colocar. Eu tenho impressão... assim, dentro dos grupos que já se colocavam a questão dos movimentos sociais, que movimentos sociais já é uma ruptura. Que não é os de classe, é movimentos sociais... tá? Então já é uma ruptura com determinada... porque o próprio Touraine quando ele pega lá, por exemplo, e diz que... tenta fazer uma teoria geral dos movimentos sociais, ele diz que na sociedade industrial no primeiro momento, os grandes atores desses movimentos sociais, os sujeitos – às vezes fala sujeito, às vezes atores – é o sujeito classe. Mas ele vê que num outro momento – que daí já tá valendo pra mim o conceito dos novos movimentos sociais – já não é a questão das classes, vai ser – pra ele – vai ser a ecologia, vai ser a questão feminista e a questão regional, inclusive, ele coloca no primeiro momento. E agora, hoje, principalmente, ele coloca muito, com muita força, a questão do sujeito feminista – né? – como o sujeito da grande ruptura, digamos assim, de um determinado tipo de sociedade. Com outro tipo de sociedade. Então eu acho que a primeira ruptura que há é entre a questão movimentos sociais e uma leitura mais ortodoxa em cima de questão de classe numa teoria marxista de classe. Então, eu... essa resistência eu senti muito mais entre, por um lado, digamos assim, a vertente dos movimentos sociais que não senti muita resistência e a vertente que vinha mais da, talvez, da tradição marxista sindicalista. Talvez aí é que... não sei se é um pouco impressionista, mas que eu sinto que existe um pouco mais de resistência. Por que na própria Anpocs, como eu disse, eu senti muita receptividade no meu trabalho. Tava lá a Alice Valadares – tá? – que ela era a coordenadora, daí nesse momento que eu fui a primeira vez era a Alice Valadares e o Machado. Eram os dois coordenadores. Machado, a Vera Telles, a Maria Célia

Paoli, todo... e esse pessoal, eu acho que, num certo sentido, também vinha com uma leitura um pouco da questão urbana que... do próprio Castels, que passa da classe para questão da produção pra reprodução, mas que não faz um corte tão, digamos assim, para os novos, esses outros atores. Então essa leitura era uma leitura forte dentro do grupo, mas eu não senti nenhuma resistência, não. Eu senti abertura. Eu senti abertura dentro do grupo dos movimentos sociais. Eu senti algumas resistências quando eu dialogava mais com o pessoal da sociologia do trabalho, sindicalismo, etc. Nesse... apesar que havia também a leitura do novo sindicalismo. Moisés. Que também participava desse grupo de movimentos sociais. Não senti resistência nenhuma por parte dos movimentos. Senti através de alguns intelectuais, principalmente vindos da área de educação. Também na Anpocs sim. Isso eu ouvi, que eu fui diretora de Anpocs, etc. e tal, tive em reuniões, digamos, dessas mais de diretoria e etc. E eu vi que movimentos sociais, em determinados momentos, algumas pessoas colocaram “ah, movimentos sociais, isso não é tema mais de interesse”. Tanto que um grupo de movimentos sociais, que era um dos mais concorridos normalmente, acabou um pouco se esfacelando por aí, que eu acho que é um pouco também... Não vou dizer que é só isso. Talvez as pessoas que estavam vinculadas, inclusive eu até me coloco um pouco responsável por não ter levado o grupo à frente, etc. Mas por outro lado, também uma resistência institucional. Isso houve. dentro da Anpocs houve uma certa... eu senti, e não eu só, como outras colegas dos grupos também sentiu essa resistência institucional à questão dos movimentos sociais como um tema de menor interesse do que seria a questão da política institucional e outros temas, que seriam os grandes temas. Isso eu sei. Tanto que o GT acaba...

A senhora diria que esse termo “novo” ou, assim, uma, eu diria assim, uma consciência da novidade, a senhora via isso nos movimentos das quais a senhora participava? As pessoas avaliavam, a militância avaliava que era aquilo diferente?

Não, eu acho que não havia uma consciência tão explícita assim dentro dos movimentos. Eu acho que sim dentro de alguns, o feminismo eu acho que sim, que era uma coisa diferente, sua questão é de gênero; ecologia também, eu acho que deveria. Mas eu acho que a terminologia, se você pega em termos de categoria – novos movimentos sociais – um pouco, sim. Um pouco. Mas não assim tão generalizado que se... quando a gente dizia, bandeira “porque nós somos os novos movimentos sociais”. Não desse ponto de vista – né? – de uma bandeira política que “nós somos os novos...” Mas não chego a ver que existia isso. Agora, a consciência de que existe, digamos assim, novos aspectos relevantes dentro das lutas sociais, eu acho que isso sim. Isso eu acho que foi muito forte, eu acho que, sem dúvida, na questão do feminismo. Muito forte. Lançadas novas questões. Eu acho que na ecologia também. Tentar pensar toda a questão do desenvolvimento a partir de uma nova perspectiva. Toda relação do homem com a natureza. Eu acho que é muito forte. E eu acho que hoje,

eu acho que é a questão também étnica. Que eu acho que também se coloca também como... que ela vem um pouco mais tarde. Não surge no mesmo momento, talvez. Ela vem um pouco mais tarde. Mas eu acho que a questão étnica também tá se colocando, hoje em dia, como uma questão bastante relevante.

Eu pergunto isso porque, se relata que no movimento de bairros de São Paulo, por exemplo, eles tinham visões negativas do que que era o movimento anteriormente. Que era a sociedade amigos de bairro, era ligada ao janismo, ao ademarismo. Isso, por exemplo, nos trabalhos de vocês aqui em Santa Catarina encontraram isso, por exemplo?

Isso. Houve, houve, houve. Teve, então... daí surgiu muito a partir desse grupo do Padre Wilson que nós falamos, que eram os movimentos de periferia, os chamados movimentos de periferia. Que era diferente da tradição do, do associativismo mais comunitário, mais tradicional, mais institucionalizado, etc. Então se criou todo esse movimento de trabalho de periferia, que justamente nesse movimento não só havia a questão da política de uma forma diferente, não tão clientelística, etc., uma política, toda uma relação com a política local, municipal, de uma forma diferenciada, mas também com introdução de questões inovadoras. Mas ele é uma liderança de movimento social que se torna também uma liderança intelectualizada, porque veio fazer mestrado e tudo isso. Mas a questão da... a relevância da questão da cultura, tá? Então, grande... a relevância das questões simbólicas. Então, todas essas questões, a questão da cultura, das questões simbólicas, etc., que começam a ser consideradas no seio do próprio movimento como questões relevantes. E que não eram, talvez, questões onde o movimento de bairro mais tradicional, que era mais corporativo, mais em cima da defesa do seu bairro enquanto local de moradia, mas com questões só muito... mais materiais. Com reivindicações mais materiais. Não, não tem essas reivindicações e... mais culturais, simbólicas de reconhecimento da sua diversidade enquanto sujeito. Isso surge sim. Eu acho que surge. Não é só a questão da teoria, mas surge no seio do próprio movimento um diferencial importante. Eu coloco num determinado momento. Inclusive se você pegar... inclusive nesse livro *Redes e Movimentos Sociais*, eu acho que eu coloco o novo como uma nova forma de os movimentos tanto se organizar, de se relacionar com a política, e das suas próprias demandas como formas diferenciadas no próprio campo das demandas. Então o novo é novo em termos de uma cultura política que é diferenciada. É novo em relação a sua forma de se organizar enquanto movimento e é onde entra essas demandas – né? – por reconhecimento, pelo espaço da cultura, em termos de valorização do espaço da cultura, dos diretos atores. Então, nesse sentido, é que os movimentos... inclusive tem um trabalho... talvez que é onde eu discuto isso mais em relação aos movimentos... que que há de novo nos movimentos sociais rurais há tempos atrás, inclusive, que esse tá como parte desse livro *Redes e Movimentos Sociais*. Que eu justamente tento colocar porque

que se pode se chamar “novo”, os movimentos sociais rurais. Então, eu tento ver aqui o movimento camponês em si, o movimento dos sem terra, o movimento dos seringueiros e o movimento de barragens. Então, tentando colocar nesses aspectos. Mas na questão dos movimentos urbanos também, muito em termos de... eu acho que... que não é... independente da auto denominação, de se auto-definir enquanto novo ou não, eu acho que... o que que eu tentava buscar ali era o que que havia de novidade, de fato, em termos de relações políticas, em termos organizacionais, em termos reivindicativos. Ou de projeto. As vezes não é uma questão de reivindicação, é uma questão mais de uma reivindicação objetiva de um projeto. De um projeto de vida, inclusive. Incluindo a questão das mulheres quando buscam novas formas de relacionamento. A questão da ecologia, que busca uma nova relação com a natureza. Então, é questão de projetos diferenciados mesmo.

E como é que a senhora... queria que a senhora falasse como é que a senhora vai chegando ao coneito de rede, como é que isso vai aparecendo e como é a senhora vai trabalhando isso.

É, eu acho que a questão das redes é tudo parte dessa mesma trajetória. Como é que chega na questão das redes. Porque? Os movimentos sociais – isso tá, inclusive, no Touraine. – se você pega, ele é visto muito como a partir de uma organização. Uma organização... uma certa delimitação dos seus membros. Que atuam dentro de uma organização. O que que eu comecei a observar – e isso também, talvez não seja só eu que comecei a observar, isso é uma questão da literatura também internacional faz isso e você vê muitas pessoas discutindo essa questão na mesma direção. – é que essa organização, essa forma de... a própria organização é uma coisa muito fluída. O movimento em si é muito mais, digamos assim, uma proposta de mudança, muitas vezes, do que uma organização. Muito mais uma... O que que tá se querendo, em que direção tá... principalmente se você pega, nesse sentido dos novos movimentos sociais, você vai ver que muitas vezes as organizações são as coisas menos importantes. Organizações empiricamente recortadas. Uma das coisas menos importantes. Muito mais é uma proposta de transformações e é onde vários sujeitos participam dessa proposta de transformação é que o importa mais. Então, esses sujeitos às vezes eles são desde de grupo completamente informais, às vezes, que... que, tudo bem, que troca idéia às vezes... então, na questão do feminismo tinha grupos de reflexão. Mas o que são grupos de reflexão? Mulheres que se reúnem de vez em quando pra colocar suas questões e compartilhar as suas dúvidas e seus projetos em relação à uma possibilidade de transformação da sociedade. Isso era exatamente os grupos de reflexão feministas. Mas muito mais importante do que a existência de um grupo de reflexão feminista – pra definir como feminismo – era o fato da forma de como essas mulheres se articulavam com outros grupos, com outras iniciativas, com outros. E se articulavam. E daí começam... a organização enquanto um fato empírico constituído de determinados membros – né? – digamos assim, que participam dessa organização, é a coisa menos importante dentro do mundo do

movimento social. Pode ser importante em alguns como o MST, que tem uma organização mais bem constituída. Você pode pensar no MST: “não, mas o MST, se não fosse a organização, talvez não existisse como movimento”. Isso é verdadeiro no MST. Mas mesmo no MST vai ver que tem uma série de outras redes de apoio, de articulações, de simpatizantes e não sei, e que dá um pouco a... dá muito da legitimidade do movimento. Isso foi possível muito, eu acho também, na questão do... que foi um dos, acho que dos movimentos que se firmou muito como uma rede, é o neo-zapatismo. Se você vai, agora não, mas uma época atrás, no auge do neo-zapatismo. O movimento de Chiapas, ia pra Europa e você via nas universidades faixas “somos neo-zapatistas” e não sei o quê. Tudo em cima de uma identidade construída em cima de uma idéia de mudança de transformação.

A idéia de rede é uma crítica a um certo essencialismo que se dá aos movimentos...?

Exatamente, exatamente. O movimento, então, ele tá muito mais vinculado, ele é muito mais fruto de um conjunto de articulações diversificadas muitas vezes. Como eu digo, do MST até pode vir, que tem um núcleo de base que tem uma estrutura mais ou menos... bastante fechada até. O MST tem normas, etc. Mas você vê que o MST também é muito mais do que isso. Tanto que se vê os acadêmicos, todo mundo... camisetas escrita MST. Se identificando como sendo MST.

A senhora concordaria, por exemplo, com essa visão um pouco difusa que muitas pessoas têm de que a partir dos anos 90 os movimentos sociais acabam, pela própria configuração democrática pós-constituente no país, as pessoas acabam entrando na institucionalidade... não sei se a senhora avaliaria da mesma forma, os estudos no campo de ciências sociais passam a ser muito de políticas públicas, passam a... a princípio é uma relação inversamente proporcional. Se diminui muito os estudos sobre movimentos sociais e se aumenta o número de estudos sobre políticas públicas. A senhora concorda se isso teria haver com... teria havido refluxo?

É. Eu acho que as duas coisas. Eu acho que houve um pequeno refluxo. Eu acho que houve um grande cárcere em relação aos movimentos sociais no período de democratização. Acho que no Brasil houve. Não só no Brasil, acho que também de forma internacional também houve um determinado momento que os movimentos passam por um momento de grande mobilização. Então eu acho que isso é verdadeiro em certo sentido, mas por outro lado também é verdadeiro que se criaram canais institucionais e esses canais institucionais começaram a ser utilizados, inclusive por algumas lideranças dos movimentos sociais, que vão optar por ocupar esses canais institucionais. E, talvez, com isso se afastar um pouco e... canais políticos também. Algumas lideranças que

migraram para política institucional. Partidos, se candidataram, etc. Então isso tudo é verdadeiro. E os canais de políticas públicas, que são os conselhos que surgem. Depois as... orçamento participativo, conferências. Então são todos momentos de institucionalização dessa relação do Estado com a sociedade civil, que eu acho que foram importantes e que criaram novos enfoques de... novas temáticas de estudo. Eu acho que é isso é importante, não dá pra negar isso. Agora, eu acho que também é um pouco exagero as vezes. Daí, inclusive, na questão da Anpocs quando eu falo, dizem “ah, isso já não é mais tema”. Os movimentos sociais estavam aí, muitos estavam e continuam estando. O próprio... eu acho que alguns movimentos que cresceram nesse período: MST, se pode dizer. O Movimento sem Teto, que não existia. Atualmente o Movimento Negro, que eu acho que é uma... cresceu muito mais recentemente o Movimento Negro. Eu acho... o Movimento Indígena, que praticamente não existia. Eu acho mais recentemente o movimento indígena tomou uma certa visibilidade, uma certa força. Então eu acho que tem muitos movimentos – talvez mais os rurais até do que alguns urbanos. – mas eu acho que tem muitos movimentos que não só que não... que não houve esse refluxo desses movimentos, que eles continuaram. Eu acho que tem vários que continuaram com uma presença bem importante no cenário nacional. Eu acho que continuaram. E agora eu acho que surgiram outras coisas também, como. A questão da Economia Solidária, tá? Existiu os mini-projetos alternativos, mas era uma coisa muito localizada. Agora é um movimento nacional de Economia Solidária. Esse movimento é articulado, é uma grande rede nacional. Então eu acho que é um movimento emergente, ele enquanto movimento social. Tem uma relação institucional que tem até a secretaria da Economia Solidária. Então eu não vejo também que seja... que o refluxo... talvez assim, algumas das mobilizações importantes que havia num determinado, como a própria questão da ecologia, que teve um momento de muito ímpeto. Da ecologia, do movimento feminista, que ficou mais institucionalizado. Mas mesmo que o movimento feminista ficou mais institucionalizado, eu acho que ainda tem o movimento feminista importante atuando através dessas instituições. Então, eu diria que tem muito espaço para se pensar os movimentos sociais, para se estudar os movimentos sociais e que foi um pouco exagerado essa leitura. Eu acho que é um pouco exagerado dizer que os movimentos... inclusive porque se... é interessante e até porque algumas pessoas “ah, porque os movimentos sociais”. A própria questão da Anpocs que nós falamos. O número de teses e dissertações, etc., de estudos que existem, é muito grande também. Então é uma área muito ativa. Então me parece que dentro... daí, talvez, você possa puxar um pouco Burdieu aí novamente. Me parece que desde da intelectualidade, talvez de uma determinada intelectualidade no Brasil que tem uma certa hegemonia nos canais institucionais, daí até da intelectualidade brasileira: Anpocs. Mas Anpocs que eu tô pensando, até a SBS, a ABA, acho que são canais um pouco mais... que eu considero até um pouco mais democráticos, eu acho, assim. Eu acho que esses canais, então, os representam – né? – que são os representantes da

intelectualidade brasileira é que não dão muita legitimidade para alguns temas. Aquilo que você disse, que no Brasil principalmente é um tema mais de mulher, é um tema de pobres. *Risos*. De classes populares, de igrejeiros, de não sei o quê. Então, eu vejo que, talvez, a leitura que se faz desse refluxo está um pouco contaminada por uma determinada visão de uma determinada intelectualidade hegemônica na sociedade brasileira. Tem um pouco disso também.

Só pra finalizar, duas últimas questões. Primeiro, o que que a senhora acha que o estudo de movimentos sociais no Brasil, o campo dos movimentos sociais na sociologia brasileira, no pensamento social brasileiro, o que que ele trouxe de novo pro pensamento social brasileiro? Para nossas ciências sociais? O que que ele alterou?

É, eu acho que, apesar de tudo isso que eu falei, de talvez ele ainda não ter conseguido o status, talvez, de ser reconhecido por todos dentro da própria academia, eu acho que ele tem um grande reconhecimento da academia. Há um grande reconhecimento sobre... como área temática importante. E o que que trouxe de novo? Acho que poderia ter trazido mais do ponto de vista do avanço teórico. Eu acho que trouxe pouco ainda. Eu acho que algumas pessoas fazem alguma tentativa nesse sentido. Talvez eu tenha até tentado me esforçar nessa direção. Mas me parece que... até por um pouco de falta de continuidade de ir acumulando conhecimento, eu acho que do ponto de vista do conhecimento teórico, digamos assim, dos movimentos sociais, se poderia dizer grande linha se começa com a questão da... são mais movimentos, mais a base marxista, então, o próprio sindicalismo como uma coisa importante em determinado momento. E continua ainda muito importante, mas digamos assim, em termos de um determinado momento. Depois entra a questão dos movimentos sociais urbanos, etc., que vem muito sobre a influência de Castells, não se ficar mais só no mundo da produção, mas no mundo da reprodução. Nisso se parte para um novo momento de pensar os movimentos sociais enquanto novos movimentos sociais. Mas não foram muitas as pessoas que pensaram isso também. Era um grupo de pessoas que tentou teorizar um pouco sobre isso, mas não foram muitas também. Então, por isso que eu digo, poderia ter tido mais um... ser algo mais forte do ponto de vista do esforço teórico. Eu acho que não foi muito. Mas houve algum esforço nesse sentido. Depois teve um determinado momento que... aonde a questão dos... essa relação do movimento com o setor institucional, mas não deixa de ser a questão de pensar a relação dos movimentos sociais com a política institucional e como se dá essa relação. Daí que entra a questão dos estudos sobre políticas públicas. Mas são interfaces dos estudos dos movimentos sociais. Então todos os estudos sobre políticas públicas, eu acho que são interfaces dos estudos dos movimentos sociais. Alguns dão mais ênfase aos movimentos sociais, outros menos, mas ele é um ator que está presente. E a partir daí surge também a questão dos estudos sobre sociedade civil. Não vamos nos esquecer. Daí alguns autores... que também não é um grande grupo,

mas alguns se projetaram com uma certa relevância, como Leonardo Avritzer, Sérgio Costa, o Liszt Vieira. E outros que fizeram umas contribuições importantes pra pensar... e outros da Unicamp, também alguns. Pra pensar a questão da importância do conceito de sociedade civil, que também junta um pouco dessa relação, por um lado movimentos sociais, por outro lado Estado, políticas públicas. Então, acho que foi se construindo... eu acho que assim de qual a relevância, que você pergunta, eu acho que foram se construindo ao longo, digamos assim, da última metade do século passado e início desse século, alguns elementos para um arcabouço teórico para pensar a questão dos movimentos sociais no Brasil e na América Latina. Pra não ficar também só, digamos assim, a reboque do que que é pensado no primeiro mundo, entende? Se tentou pensar de se repensar a teoria a partir da realidade brasileira. Eu acho que isso é um ganho. Não foi só uma transposição de teorias de outros países, mas sim de dialogar com essas teorias do primeiro mundo. Europa, Estados Unidos também. Daí mais pela linha da... em termos de mobilização de recursos. Rede também, teve contribuições importantes vindas dos Estados Unidos, a questão das análises de redes. Mas ao mesmo tempo de repensar essas teorias e de criar novos elementos teóricos para pensar a questão da realidade brasileira e latino americana. Eu acho que isso é um ganho. É ainda... deixa um pouco a desejar ainda em termos de elaboração teórica. Eu acho que deixa, mas algum ganho eu acho que há nesse sentido.

Só pra terminar então. O que que a senhora diria, assim, que a... um pouco assim, a geração da senhora e próximas, as gerações próximas da senhora, assim... porque que tantos professores, tantos pesquisadores foram... a senhora acha que foram estudar a partir dos anos 70 até os anos 80... porque que tanta gente foi estudar o movimento popular em geral, seja o sindical, seja os movimentos sociais? Porque que a sua geração foi tanto em direção aos movimentos, tanto teoricamente como na prática? Várias pessoas participam de Ongs, enfim, participaram de vários movimentos. Queria que a senhora falasse um pouquinho o que a senhora acharia das raízes desse impulso da sua geração...

É, eu acho que na minha geração talvez foi todo o envolvimento com uma resistência em relação a questão da própria ditadura e depois pelo próprio processo de democratização. Então toda essa luta, talvez, esse engajamento mesmo com a realidade nacional onde a questão das forças de resistência se colocavam como coisa muito relevante. Tanto do ponto de vista de se pensar um trabalho intelectual mais engajado que dá algum retorno prático pra realidade social, digamos. Pensar, fazer esse trabalho em relação ao que você considera como elemento fundamental para transformação social é, em certo sentido, se... estar engajado... não só estar engajado com os próprios movimentos sociais, mas ao mesmo tempo tentar produzir alguma coisa nessa linha. Porque essa interface,

inclusive eu tenho observado muito nas orientações que eu tenho dado, grande parte dos alunos que vem procurar os estudos dos movimentos sociais, tem uma forma ou outra de engajamento com os movimentos sociais. Então esse era o comprometimento. Que é uma faca de dois gumes. Pelo fato de ter esse comprometimento é que eu sempre digo “olha, esse é um elemento facilitador, porque você conhece essa realidade, mas é um elemento complicador também. Porque você tá muito engajado e o distanciamento se torna mais difícil”. Então é um elemento que dificulta a análise também. Como conseguir esse distanciamento necessário pra fazer uma análise com um pouco mais de objetividade, digamos. Mas o que eu observei a partir da minha prática, até porque eu nunca fiz uma pesquisa sobre isso também. Então, até se tiver o resultado da sua eu vou ficar feliz de saber. Mas a partir da minha prática eu observei é que a grande parte dos alunos, de alguma forma ou outra, passaram por alguma experiência com movimentos sociais. Então, talvez, essa própria vivência, experiência, é um elemento estimulador. Eu mesmo, como eu digo, assim, passei momentos importantes da minha vida em relação aos movimentos sociais. Falei um pouco da trajetória, falei do movimento estudantil e depois. Então eu acho que isso pode ser um elemento mobilizador. Que eu acho que isso, talvez, na questão dos movimentos sociais, seja mais nítido do que em outros campos de estudo: a questão do seu próprio engajamento no seu objeto de estudo. Talvez se você for estudar uma questão de saúde, quem sabe, apesar que eu acho que a gente... tudo na vida sempre a gente tem alguma coisa que a gente faz que a gente tá relacionado àquele objeto. Acho que sempre tem um elemento de subjetividade quando se escolhe um objeto. Acho que sempre tem. Mas, talvez, com os movimentos sociais seja mais nítido. Por exemplo, você pode estudar a questão do... fazer uma sociologia sobre a questão do câncer, sem nunca ter se envolvido com essa questão pessoalmente. Pode até acontecer. Pode acontecer que também tenha algumas relações pessoais e alguém ter feito isso. Eu acho que tende muito a haver. E eu acho que no caso dos movimentos sociais essa conexão seja um pouco mais forte, porque a própria questão do movimento é um elemento mobilizador, assim como o movimento, participar do movimento é algo que mobiliza seus participantes, de uma forma, às vezes até, digamos assim, até dramática, às vezes, pra vida deles. De alguns, para alguns até dramática. Que às vezes até implica no fim da sua vida. Como por exemplo, pega um Chico Mendes. Sabia que estava condenado pra... que, talvez, seria morto, mas nem por isso abandonou a sua causa. Só pra dar um exemplo. Eu acho que tem vários outros, às vezes até dramática. Então eu acho que é algo que mobiliza bastante a pessoa. E eu acho que, nesse sentido, quando há essas pessoas que fazem o elo com o campo intelectual, eu vejo que trazem muitas vezes um pouco dessa vivência anterior. Eu acho que isso é bastante importante. Porque, se... eu acho que o conhecimento sempre deve servir pra alguma coisa, de qualquer maneira. Não deve se fazer um conhecimento simplesmente para conhecer um pouco mais a realidade. Eu acho que essa relação entre você ser ator do movimento e produção do conhecimento,

apesar de que ela pode ser complicada, e muitas vezes ela é. E é bom às vezes tenha bons espaços de distinção nessa relação. Mas por outro lado é importante que tenha uma relação também entre a questão do agir no movimento e a questão da produção do conhecimento. Então, eu acho que o conhecimento só se justifica enquanto relevante socialmente, se esse conhecimento for produzido em função de aquele vai servir. Então, nesse sentido nos movimentos sociais, eu acho que quando você faz, tenta produzir um conhecimento, tem que colocar ao alcance dos próprios movimentos sociais, estabelecer essa relação. Estabelecer essa relação entre produção de conhecimento. não quer dizer que só intelectual que ajuda a produzir esse conhecimento. Eu acho que os próprios atores ajudam também a produzir. Mas eu acho que o intelectual tem o poder de fazer algumas abstrações aí, que é parte do seu próprio metiê – né? – que talvez, às vezes, é um pouco mais complicado. Então, e essas abstrações podem ser importante para levar o movimento a progredir na sua trajetória também. Então, por isso que eu acho que essa relação entre produção de conhecimento e agir nos movimentos sociais, essa relação é fundamental que se faça essa conexão. Eu acho que é importante. Ela existe, ela pode ser até complicada por causa da questão da objetividade, subjetividade, aí pode ser complicada até. Mas nem por isso deve ser abandonada, eu acho que ela é fundamental. Eu acho que é por aí que a gente justifica a relevância de se continuar estudando movimentos sociais. Acho que é por aí.

Créditos:

Entrevista concedida a Marco Antonio Perruso, em 25 de abril de 2006, cedida ao Arquivo de Memória Operária (IFCS-UFRJ) e publicada no livro “Ciência e Política: Memórias de Intelectuais” (org.: Marco Antonio Perruso e Mônica da Silva Araujo, Mauad X/FAPERJ, 2015).